

## ENVOLVIMENTO E SUBJETIVIDADE EM CONSTRUÇÃO DE DEFINIÇÃO NA ESCRITA

Maria Cristina G. de Góes Monteiro (PUC-RIO)

### INTRODUÇÃO

Wittgenstein, em suas *Investigações Filosóficas*, propõe elucidar o significado das palavras por meio da descrição do seu uso. Para o filósofo, a atitude metafísica deve ser substituída pela atitude prática: não se deve indagar sobre os significados das palavras, deve-se, sim, investigar suas funções práticas e tomar conhecimento dos empregos das palavras nos mais variados contextos. Desloca-se o olhar do teor conceitual das palavras, próprio de uma contemplação essencialista da linguagem, para o seu caráter contextual e instrumental. Tudo torna-se, portanto, acidental (1989: XIII). Nesse sentido, se os significados não são entidades autônomas e precisas como tradicionalmente costumam ser considerados, o terreno das definições passa a ser colocado à prova.

De um lado a definição, numa abordagem tradicional, procura expressar a essência de um termo, sendo entendida como delimitação de uma espécie em função do seu gênero e da diferença específica – visão relacionada ao essencialismo e à perspectiva platônico-aristotélica da linguagem. De outro ângulo, ela é vista como uma atividade que se desenvolve a partir de informações empíricas, uma vez que representa o uso que os falantes de uma língua fazem de determinado termo, em determinado contexto – o que corresponde à visão relativista do significado, herdada dos sofistas e presente na filosofia wittgensteiniana.

O essencialismo enfatiza a existência de uma verdade absoluta, incondicional, a qual se procura buscar. Nesse sentido, a ciência apresenta um papel fundamental, uma vez que seria responsável por fornecer uma avaliação correta, definitiva e geral da realidade, um ponto de vista válido e não-tendencioso. Tomado por uma visão inteiramente objetivista, o essencialismo admite que o mundo é construído por objetos, que têm propriedades, independentemente de qualquer pessoa ou ser que os manipule ou experiencie. Os objetos são compreendidos em termos de categorias e conceitos, e essas categorias e conceitos correspondem a propriedades inerentes aos objetos e às relações entre eles. Dentro dessa perspectiva, as palavras assumem sentidos fixos, os significados devem ser claros e precisos, o que permite julgar as declarações, objetivamente, em verdadeiras ou falsas.

Já o relativismo leva em conta os sentidos na prática das atividades diárias, a partir das quais se desenvolvem intuições em que se pode confiar. A linguagem expressa os aspectos pessoais da experiência, as palavras assumem novos significados. Sobressai a subjetividade enredada nos sentimentos, nas práticas morais, na sensibilidade estética e na consciência espiritual no contato com a realidade.

Neste trabalho, considera-se a existência de uma objetividade relativa (Lakoff e Johnson, 1980), oriunda de um sistema conceptual que se baseia em experiências obtidas em interações diárias dos usuários da língua com o ambiente físico e cultural. Sendo assim, a definição, que, tradicionalmente, encontra-se vinculada à ideia de generalização, por meio da qual procuraria expressar a essência de um termo, verdade única e absoluta, deve ser vista como uma atividade que se desenvolve a partir de informações empíricas e que deixa transparecer marcas de certa subjetividade em sua estrutura. Reporta-se mais uma vez a Wittgenstein, uma vez que o filósofo ressalta o caráter parcial e incompleto das definições, sem, no entanto, ignorar sua utilidade.

O exemplo (01) e (02) a seguir ilustram que, ao contrário do que é proposto tradicionalmente, a definição pode apresentar marcas de subjetividade decorrentes da experiência do indivíduo:

(01) Eficiência é quando o congresso rouba, ele mesmo investiga e absolve. (www.geocities.com)

(02) A caatinga é uma formação vegetal bastante pobre que ocupa cerca de 11% do território brasileiro. (Moreira, I. *O Espaço Geográfico – Geografia Geral e do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.)

Em (01), fica evidente o ponto de vista do enunciador ao conceituar o termo *eficiência*. Percebe-se claramente a sua ironia ao remeter a definição para o campo da política, mas o fato de ter escolhido esse campo e não outro, por si só, já constitui marca de subjetividade de quem enuncia a definição. É o que ocorre em (02) de forma mais atenuada. A caatinga foi definida não só em termos de suas características físicas, mas também em função de sua localização espacial. Além disso, há em (02) uma avaliação explícita “bastante pobre”, que é um conceito relativo.

Assume-se, então, que as definições apoiam-se sempre em um conhecimento prévio, derivado do uso, e o fato de se dispor de diferentes construções linguísticas para representar definições vem justamente corroborar essa visão. Esta pesquisa restringe-se à análise de duas dessas estruturas de definição, ambas com o verbo *ser*: uma considerada canônica e outra, não canônica, que foram identificadas na produção acadêmica de estudantes, em textos na Internet e ao longo de todo o texto da escritora Adriana Falcão, no livro *Mania de Explicação*.

(03) Argumentação ética é aquela em que a pessoa que argumenta está preocupada em construir uma boa imagem de si. (Resposta à questão discursiva – Graduando de Comunicação Social)

(04) Argumento pelo exemplo é quando se toma por base outras pessoas, utilizando exemplos para poder defender sua tese principal. (Resposta à questão discursiva – Graduando de Comunicação Social)

(05) Um domínio é um endereço na internet. (linhadefensiva.uol.com.br/dicionário)

(06) Solução Insaturada (ou não saturada) é quando a quantidade utilizada de soluto usado se dissolve totalmente (www.wikipedia.org)

(07) Irritação é um alarme de carro que dispara bem no meio do seu peito. (Falcão, A. *Mania de explicação*. São Paulo: Ed. Moderna, 2001)

(08) Lembrança é quando, mesmo sem autorização, o seu pensamento reapresenta um capítulo. (Falcão, A. *Mania de explicação*. São Paulo: Ed. Moderna, 2001)

Neste trabalho, sob o enfoque de Lakoff & Johnson (1980) e de Traugott (2005) pretende-se mostrar que as definições não só podem trazer marcas da subjetividade do enunciador, mas também podem apresentar traços que denotem envolvimento com o interlocutor. Investiga-se aqui se o emprego da estrutura *é quando* estaria estreitamente ligado a tais particularidades e se o uso dessa construção estaria relacionado a contextos de informalidade. Para tal, as construções gramaticais são analisadas dentro da situação comunicativa em que são empregadas, e o processamento da análise conta com um *corpus* de 634 dados obtidos em textos, em forma impressa e virtual.

Tendo em vista o fato de o fenômeno em tela ser variável, admite-se utilizar a metodologia da Teoria da Variação, por meio de uma análise correlacional de base quantitativa. São apresentados os resultados e a análise da aplicação de quatro grupos de fatores que mostraram-se pertinentes à inibição ou à emergência das variantes em estudo.

## 1. O MEIO PELO QUAL A DEFINIÇÃO É VEICULADA

O objetivo desse grupo de fatores é examinar a ligação entre o registro da situação de comunicação e o emprego das formas variantes. Considerando-se que o meio utilizado para se estabelecer uma interação verbal interfere na escolha das estruturas linguísticas empregadas no processo, os dados foram organizados em dois grupos: um englobando os dados coletados na Internet e em questões discursivas; outro reunindo as construções extraídas de livros e de periódicos impressos.

A organização justifica-se pela natureza dos textos encontrados nos dois ambientes delimitados. Os componentes do primeiro grupo relacionam-se entre si por apresentarem características da modalidade oral da língua.

Na Internet, identifica-se um formato de escrita que apresenta uma relação mais íntima com a oralidade. Sabe-se que o tempo real é um dos fatores que favorecem o processamento linguístico com traços peculiares de língua falada, como autocorreções, hesitações, repetições, truncamentos, reinício. A velocidade empregada na digitação dos textos provoca certa despreocupação com a correção e conduz à diminuição do automonitoramento. Em termos linguísticos, pode-se dizer que a linguagem

da Internet corresponde, de modo geral, a uma escrita não monitorada, não submetida a revisões ou correções. O foco importante incide, em geral, na construção das relações, nas interações entre os indivíduos e no envolvimento que se estabelece entre eles.

Em situações de provas discursivas, a interação que se estabelece entre professor e aluno remete à estrutura dialógica de pergunta-resposta própria da conversação. O aluno interage por escrito com o professor, mas sua produção textual sofre interferência de fatores como tempo disponível para o desenvolvimento de cada questão. Esses aspectos imprimem marcas de oralidade nos textos elaborados nas condições de produção descritas.

Os exemplos de (09) a (12) demonstram as características do primeiro grupo – dados coletados na Internet e em questões discursivas.

(09) Justificativa Eleitoral: É quando um eleitor, no dia do pleito, justifica a sua ausência em seu domicílio eleitoral, comparecendo a uma seção eleitoral ou a uma mesa receptiva de justificativa fora de seu município. ([www.al.es.gov.br](http://www.al.es.gov.br))

(10) Dialer (discador) é um tipo de malware que usa números 900 para que parte do valor da chamada vá para o criador do código malicioso. ([linhade defensiva.uol.com.br/dicionário](http://linhade defensiva.uol.com.br/dicionário))

(11) Felicidade é quando se possui bens materiais e riquezas, sendo esses muito valorizados. (Resposta à questão discursiva – Graduando de Comunicação Social)

(12) Needleman disse que a felicidade é quando a vida tem um significado. (Resposta à questão discursiva – Graduando de Comunicação Social)

Já o grupo dos livros e periódicos impressos reúne componentes com foco no conteúdo informacional, o que tende a tornar mais distanciada a interação escritor-leitor. Na ótica tradicional, a linguagem empregada nos veículos mencionados deve ser objetiva, referencial, orientada por um escritor invisível. Estabelece-se uma relação assíncrona, que demanda planejamento, autonomia, normatização e explicitude, em função da defasagem temporal entre produção e recepção, dentre outros fatores.

(13) Vogal é o fonema produzido por uma corrente de ar que, vinda dos pulmões, passa livremente pela boca. (Cereja, W.R. & Magalhães, T. C. *Gramática – texto, reflexão e uso*. São Paulo: Atual, 2002.)

(14) Em outras palavras, educar é ensinar a pensar, e não apenas ensinar a ter conhecimentos. (Boff, L. *Críticos e cuidantes*. Jornal do Brasil, 23/04/2004.)

(15) Batalha naval é um jogo que representa o combate entre navios em alto-mar. (Reane, E. *Matemática criativa* – vol. 1. São Paulo: Ed. Saraiva, 2001.)

Compreende-se que os livros e os periódicos impressos tendem a impor o uso do registro formal. Ainda que os elementos do primeiro grupo – Internet e respostas a questões discursivas também possam caracterizar-se por situações de formalidade, constituem, em geral, espaços mais descontraídos, que permitem o emprego do registro informal de linguagem. A diferença de estilo (Labov, 1972) pode ser percebida nos exemplos anteriores, tornando-se, porém, mais evidente, quando se comparam as estruturas (16) e (17), retiradas, respectivamente, de livro e da Internet.

(16) O microscópio é um instrumento que amplia, centenas ou milhares de vezes, coisas ou seres muito pequenos que não podem ser vistos a olho nu. (Oliveira, M. T. & Gonçalves, J. S. *Ciência, o ambiente e você* – vol. 4. Curitiba: Módulo Editora, 2001.)

(17) Roll over é quando o cara passa o mouse por cima do botão ([www.pontoflash.com.br/dicas](http://www.pontoflash.com.br/dicas))

O quadro a seguir manifesta o comportamento das duas variantes em relação ao meio pelo qual as definições são veiculadas.

**TABELA 1**

**Efeito do meio de veiculação em relação à emergência da variante canônica**

Variantes	<i>ser</i>			<i>ser quando</i>		
Fatores	Apl.	%	P.R.	Apl.	%	P.R.
Livros, periódicos	249/274	90	.74	25/274	9	.27
Internet, QD	240/360	66	.32	120/360	33	.69

Pode-se verificar que a ocorrência da variante não-marcada em livros e periódicos impressos corrobora a hipótese de que a forma canônica emerge em registro formal de linguagem, enquanto a variante marcada costuma ser mais usada em contextos de informalidade. Embora nos dados da Internet e das questões discursivas a frequência da variante canônica seja mais alta que a da não-marcada, pode-se apontar a ocorrência significativa da estrutura marcada nesse contexto: os pesos relativos confirmam a expectativa sobre a aplicação desse grupo de fatores.

**2. A PRESENÇA DE MARCAS DE PESSOALIDADE**

Os resultados do grupo anterior podem ser relacionados ainda com as noções de (inter)subjetividade e objetividade propostas por Traugott (2005). Tendo em vista o caráter interativo próprio dos componentes do primeiro grupo analisado, é natural que sobressaíam marcas de (inter)subjetividade nesse meio. O foco na relação dos interlocutores em uma situação de comunicação pode ser verificado a partir de traços específicos que explicitam a atenção do falante/escritor com o ouvinte/leitor, como evidenciam os exemplos a seguir:

(18) *Você* já ouviu falar em bactérias? São seres vivos tão pequenos que só podem ser vistos com a ajuda do microscópio. (Oliveira, M. T. & Gonçalves, J. S. *Ciência, o ambiente e você* – vol. 4. Curitiba: Módulo Editora, 2001)

(19) Crise existencial *é quando* todas aquelas perguntas que *você* sabe que não têm a menor importância na sua vida se tornam definitivas e fundamentais para cada um de seus próximos passos. (www.linguatca.pt)

Este grupo de fatores, portanto, tem o objetivo de examinar o tipo de relação que os participantes estabelecem no processo interativo. Partindo-se da ideia de que o emprego da variante marcada pode fazer parte de um conjunto de estratégias que visam à aproximação com o ouvinte/leitor, verifica-se a existência ou a ausência de marcas de personalidade nos dados. Cabe ressaltar, entretanto, que qualquer elemento linguístico referente a um dos participantes envolvidos na interação foi considerado marca de pessoalização, como ilustram os exemplos (20), (21), (22) e (23).

(20) Status *é* comprar uma coisa que você não quer, com um dinheiro que você não tem, para mostrar pra gente que você não gosta, uma pessoa que você não é. (www.geocities.com)

(21) O pandemônio *é nossa* maneira barulhenta de mostrar que Evas inocentes não existem mais e que todos queremos ser ouvidos. (Revista Exame Você S/A)

(22) Sucesso *é quando* você faz o que sabe fazer só que todo mundo percebe. (Falcão, A. *Mania de Explicação*. São Paulo: Moderna, 2001.)

(23) Pra mim, freelancer *é quando* você é chamado para esporadicamente cobrir a falta de funcionários de uma empresa. (www.carreirasolo.org.)

Ainda que nos exemplos anteriores os termos assinalados não estejam reportando a um indivíduo específico mas a qualquer um que esteja no papel de destinatário, apoia-se aqui no pressuposto de Traugott (2005) de que significados intersubjetivos são interpessoais e costumam apresentar expressões intersubjetivas. Sendo assim, a presença de marcas como *você* deixa explícita a ideia de que o falante imagina um interlocutor e procura interagir com ele de forma mais próxima, o que não ocorre em (24), (25), (26) e (27), por exemplo:

(24) Problemateca *é* uma seção com problemas de vários tipos. (Reane, E. *Matemática Criativa* – vol. 4. São Paulo: Saraiva, 2001.)

(25) Bluetooth *é* um protocolo para redes sem fio (wireless). (www.melhoresfilmes.com.br)

(26) Metáfora de parentesco *é quando* as experiências familiares são transformadas em metáforas. (Resposta à questão discursiva – Graduando de Comunicação Social)

(27) Voto de Legenda *é quando*, ao invés de votar em um determinado candidato, vota-se somente no número de um partido. (www.al.es.gov.br)

Os resultados obtidos com relação à pessoalização podem ser examinados no seguinte quadro, onde **I** refere-se aos dados em que há impessoalização, e **i** diz respeito aos dados em que há marcas de pessoalização:

**TABELA 2**  
**Efeito do grau de pessoalização em relação à emergência da variante canônica**

Variantes	<i>ser</i>			<i>ser quando</i>		
Fatores	Apl.	%	P.R.	Apl.	%	P.R.
I – Impessoalização	425/508	83	.57	84/508	16	.43
i – Pessoalização	64/126	50	.25	62/126	49	.75

Segundo a tabela 2, constata-se que, no emprego da forma não marcada, a ocorrência de impessoalização é mais freqüente. No que diz respeito ao emprego da estrutura *ser quando*, é interessante destacar os percentuais e os pesos relativos das variantes analisadas, os quais sinalizam a tendência de as formas marcadas apresentarem traços de pessoalização e, por conseguinte, marcas de envolvimento entre os participantes da interação. Os pesos relativos confirmam a hipótese de que a construção marcada *ser quando* constitui recurso empregado para estabelecer envolvimento com o interlocutor. Assim, o jogo interacional pode ser explicado em função do fato de a variante inovadora reproduzir uma cena, uma situação, a partir da qual o destinatário apreende o sentido do termo *definiendum*. O falante faz o destinatário viver a cena descrita colocando-se ou colocando o interlocutor na situação reproduzida. Tais estratégias relacionam-se às colocações de Hegenberg (1974: 67), segundo as quais “*definir não é sempre uma atividade simplesmente linguística, mas, ao contrário, uma atividade que se executa sobre teorias e informações empíricas*”. A definição de um termo científico não apresenta traços idiossincráticos, possuindo maior uniformidade interpessoal do que o correspondente termo corriqueiro (Hegenberg, 1974: 50-1). A partir daí, pode-se supor que a existência de traços de pessoalização, numa definição, marque um estágio mais inicial de investigação.

### 3. ÁREA DO CONHECIMENTO NA QUAL A DEFINIÇÃO FOI EMPREGADA

O terceiro grupo de fatores está relacionado à questão do registro utilizado na situação de comunicação. Nesse grupo, dois fatores atendem, coerentemente, às hipóteses quanto à correlação das variantes e o tipo de registro de linguagem. Os dados foram classificados e distribuídos em função de pertencerem ou não ao campo acadêmico. Estimava-se que, em situações de cunho acadêmico e pedagógico, o estilo privilegiado fosse o formal e que as marcas de pessoalidade fossem atenuadas, refletindo postura mais distanciada e aparentemente neutra por parte dos interlocutores. Esperava-se que a estrutura canônica fosse a forma selecionada em contextos de formalidade e, portanto, fosse a estrutura mais empregada nos ambientes acadêmico-pedagógicos. Os enunciados (28), (29), (30) e (31) representam o grupo que reúne as definições que se enquadram na área acadêmica, os exemplos (32), (33), (34) e (35) relacionam-se à área não-acadêmica.

(28) Parágrafo *é* uma parte do texto que reúne um conjunto de idéias. (Cereja, W. R. & Magalhães, T. C. *Gramática – texto, reflexão e uso*. São Paulo: Atual, 2002.)

(29) Solução insaturada (ou não saturada) é quando a quantidade utilizada de soluto usado se dissolve totalmente, ou seja, a quantidade adicionada é inferior ao coeficiente de solubilidade. (www.wikipedia.org)

(30) A solução saturada é aquela em que o soluto chegou à quantidade máxima: qualquer adição de soluto vai ser precipitada, não-dissolvida. (www.wikipedia.org)

(31) o Eclipse Solar Parcial é quando a Lua cobre apenas uma parte do Sol. (cdcc.sc.usp.br/cda/ensino-fundamental-astronomia)

(32) Amor é um gostar que não diminui de um aniversário pro outro. (Falcão, A. *Mania de explicação*. São Paulo: Moderna, 2001)

(33) Decepção é quando você risca em algo ou em alguém um xis preto ou vermelho. (Falcão, A. *Mania de explicação*. São Paulo: Moderna, 2001)

(34) Homem-a-homem é quando um marcador fica incumbido de acompanhar o adversário por todo o gramado. (Corpus NILC/ São Carlos)

(35) Indigestão é uma criação de Deus para impor uma certa moralidade ao estômago. (www.aomestre.com.br)

Os pesos relativos encontrados no quadro a seguir corroboram tal expectativa.

**TABELA 3**  
**Efeito da área de conhecimento sobre a emergência da variante padrão**

Variantes	<i>Ser</i>			<i>ser quando</i>		
Fatores	Apl.	%	P.R.	Apl.	%	P.R.
Acadêmico	341/389	87	.59	48/389	12	.41
Não-acadêmico	148/245	60	.36	97/245	39	.65

Os dados evidenciam a preferência pelo emprego da construção padrão em contextos acadêmicos. Em situações não-acadêmicas, ainda que a estrutura canônica tenha sido mais utilizada que a não-canônica, os pesos relativos indicam tendência significativa de a construção *ser quando* ocorrer em ambientes não-acadêmicos. Os resultados, portanto, sinalizam para a confirmação da hipótese de que a construção marcada é empregada em contextos de informalidade, e a construção não-marcada, utilizada em contextos formais e informais.

#### **4. FOCO DO TERMO DEFINIENTE – DOMÍNIO INTERNO, FÍSICO / DOMÍNIO INTERACIONAL**

O quarto grupo de fatores tem o propósito de averiguar a importância do termo à direita do verbo *ser* em relação às variantes em análise. A concepção de linguagem adotada nesta pesquisa subentende que as interações sociais, a cultura, as experiências dos indivíduos são fatores determinantes na construção de sentido e na compreensão do mundo. Parte-se, então, da visão de Lakoff & Johnson (1980), de que o sistema conceptual baseia-se nas experiências vividas no mundo, admitindo-se que a construção de conceitos é decorrente da constante interação que se estabelece com o ambiente físico e cultural.

No que diz respeito à variável controlada, procura-se observar se o termo *definiente* resalta propriedades interacionais do *definiendum* ou se lhe apresenta características intrínsecas. Assume-se a proposta dos autores de que os tipos de experiência são provenientes das características e sensações corporais, das interações com o meio físico e das interações com outras pessoas dentro da cultura.

Os dados do *corpus* foram distribuídos em dois grupos: um em que o *definiente* resalta as propriedades físicas e internas do *definiendum*; outro em que o foco volta-se para propriedades interacionais do termo. Cabe ressaltar que a análise deste grupo de fatores deixa transparecer a

subjetividade envolvida nas definições. Constatase que, no momento em que uma das dimensões é empregada, omite-se ou minimiza-se uma outra. Os exemplos (36), (37), (38) e (39) fazem parte de um grupo, enquanto (40), (41), (42) e (43), do outro grupo.

(36) O caracol, como as lesmas, é um animal invertebrado de corpo mole. (Oliveira, M. T., & Gonçalves, J. S. *Ciências, o ambiente e você* – vol. 3. Curitiba: Módulo Editora, 2001)

(37) Os alvéolos são minúsculos sacos cheios de ar, cobertos por muitos vasos sanguíneos. (Oliveira, M. T., & Gonçalves, J. S. *Ciências, o ambiente e você* – vol. 4. Curitiba: Módulo Editora, 2001)

(38) O cubo é um prisma de base quadrada. (Reane, E. *Matemática criativa* – vol. 4. São Paulo: Saraiva, 2001.)

(39) A fábula é um texto narrativo que geralmente apresenta animais como personagens. (Cereja, W. R. & Magalhães, T. C. *Gramática – texto, reflexão e uso*. São Paulo: Atual, 2002.)

(40) A caatinga é uma vegetação característica de locais quentes que apresentam chuvas escassas e irregulares. (Oliveira, M. T., & Gonçalves, J. S. *Ciências, o ambiente e você* – vol. 4. Curitiba: Módulo Editora, 2001)

(41) As bactérias são microorganismos encontrados nos mais diversos ambientes, como no solo, no ar, na água, nos alimentos, até no corpo dos animais e plantas. (Oliveira, M. T., & Gonçalves, J. S. *Ciências, o ambiente e você* – vol. 3. Curitiba: Módulo Editora, 2001)

(42) Consultor é alguém que tira o relógio do teu pulso, te diz a hora e te cobra por isso. ([www.piadasonline.com.br](http://www.piadasonline.com.br))

(43) Inflação é quando você precisa de cada vez mais dinheiro para comprar a mesma coisa. (Corpus NILC/São Carlos)

**TABELA 4**  
**Efeito do foco do definente sobre a emergência da variante padrão**

Variantes	[SN <i>ser</i> SN]			[SN <i>ser</i> quando O]		
Fatores	Apl.	%	P.R.	Apl.	%	P.R.
Domínio interno	139/146	95	.68	7/146	4	.32
Domínio interacional	350/488	71	.44	138/488	28	.56

Os números resultantes do processamento da correlação das variáveis dependentes e da variável independente *tipo de domínio* confirmam a visão de Lakoff & Johnson de que o processo de conceptualização é experiencial. Observa-se a alta incidência de definições com foco em interação, seja a interação com o meio físico ou com o ambiente social. A análise dos pesos relativos evidencia a tendência de a estrutura canônica ter mais chance de ser selecionada para expressar propriedades de domínio interno do *definiendum*, enquanto a escolha da estrutura marcada estabelece vínculo mais estreito com propriedades interacionais. A cena reproduzida pela estrutura *ser quando*, que torna mais explícita a situação experienciada, favorece ressaltar contextos interacionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo sobre as estruturas de definição *ser* e *ser quando*, partiu-se do pressuposto de que as construções linguísticas devem ser pensadas e analisadas em função de seu uso em situações reais de interlocução. Investigaram-se fatores implicados nas interações sociais e destacou-se a importância das experiências pessoais no processo de conceptualização.

Verificou-se que, ao contrário do que é tradicionalmente considerado, as definições deixam transparecer traços idiossincráticos, algumas vezes, de forma bem explícita. Esse fato ficou bastante em evidência no estudo que se desenvolveu sobre as construções de definição selecionadas para análise.

A partir dos resultados obtidos, constatou-se que as duas construções investigadas diferenciam-se em função do envolvimento que se estabelece entre os interlocutores e do estilo imposto pelo contexto: a construção marcada *ser quando* tende a ser empregada em contextos de informalidade, e a construção não-marcada é utilizada em contextos formais e informais; a variante marcada *ser quando* constitui recurso empregado para estabelecer envolvimento com o interlocutor.

Espera-se que os resultados decorrentes desta pesquisa possam contribuir para o desenvolvimento de trabalhos posteriores, posto que a análise de outras estratégias de definição e seus contratos de uso são de extrema valia para a área da Linguística, na medida em que desvenda novos caminhos a trilhar à luz de modelos teóricos inovadores: “*Sente-se a tendência de privilegiar modelos teóricos em que o léxico ocupa papel central , acompanhando o forte movimento de revitalização da sua posição na teoria linguística.*”(Quental e Dias, 2004: 9).

## REFERÊNCIAS

- HEGENBERG, L. *Definições: termos teóricos e significado*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1972.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press. 1980.
- MARTINS, H.. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIN, F & BENTES, A. C. (org.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2003. pp. 439-473.
- MOLICA, M. C. & BRAGA, M.L (orgs.) – *Introdução à sociolingüística – o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto. 2003.
- QUENTAL, V e DIAS, M. C. *Tendências do processamento computacional do português*. In: Palavra/Departamento de Letras da PUC-Rio. Vol. 12. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2004.p.9
- TRAUGOTT, E. *Regularity in Semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1989.